

## **O PROJETO DE SER COMO FIO CONDUTOR DA PRÁTICA CLÍNICA: ALGUMAS REFLEXÕES EM A NÁUSEA**

Ana Letícia Stori Mendes<sup>1</sup>  
Giovana Evangelista Ferreira<sup>2</sup>  
Daiany Lara Massias Lopes Sgrinholi<sup>3</sup>

**RESUMO:** Sartre, dentre suas inúmeras obras, lançou em 1938 o romance: ‘A Náusea’, contribuindo para a compreensão de um projeto existencial elaborado em sua psicanálise existencial. Este artigo propõe-se refletir através de pesquisa bibliográfica, o desenvolvimento de uma psicologia clínica, investigando as possíveis intervenções da problemática existencial pelas condutas humanas reveladas pela má fé, pela liberdade e pela angústia, centrais para as tensões da prática clínica e para seu tratado de ontologia fenomenológica.

**Palavras-chave:** Projeto existencial; náusea; psicologia clínica.

## **THE PROJECT OF BEING AS THE LEADING THREAD OF CLINICAL PRACTICE: SOME REFLECTIONS ON NAUSEA**

**ABSTRACT:** Sartre, among his numerous works, launched in 1938 the novel: 'A Náusea', contributing to the understanding of an existential project elaborated in his existential psychoanalysis. This article proposes to reflect, through bibliographical research, the development of a clinical psychology, investigating the possible interventions of the existential problematic by the human behaviors revealed by bad faith, by freedom and by anguish, central to the tensions of clinical practice and to its treatise of phenomenological ontology.

**Keywords:** Existential project; nausea; clinical psychology.

## **EL PROYECTO DE SER COMO HILO LÍDER DE LA PRÁCTICA CLÍNICA: ALGUNAS REFLEXIONES SOBRE LAS NÁUSEAS**

Sartre, entre sus muchas obras, lanzó en 1938 la novela: 'A Náusea', contribuyendo a la comprensión de un proyecto existencial elaborado en su psicoanálisis existencial. Este artículo se propone reflexionar, a través de la investigación bibliográfica, el desarrollo de una psicología clínica, investigando las posibles intervenciones de la problemática existencial por parte de los comportamientos humanos revelados por la mala fe, por la libertad y por la angustia, centrales a las tensiones de la práctica clínica y a su tratado de ontología fenomenológica.

**Palabras llave:** Proyecto existencial; náuseas; Psicología clínica.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do 4º ano do curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR, sede Umuarama.

<sup>2</sup> Acadêmica do 4º ano do curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR, sede Umuarama.

<sup>3</sup> Professora do curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR, sede Umuarama.

## INTRODUÇÃO

Sartre, em seu pensamento original revelou um caminho para psicologia que desvelou ela de um cenário predominante idealista (o mundo era visto como aquilo que eu penso, de forma inteligível, racional), realista (o real se revelava somente pela experiência sensorial, então, o que é real é aquilo que vejo, sinto, etc) e de uma certa medida, da psicanálise, que desde sua época, propunha uma união entre significado e significante, porém, faz uso do inconsciente como face constituinte da vida psíquica (FREITAS, 2018). Suas contribuições trouxeram para a Psicologia uma visão distinta da Psicologia empírica, da psiquiatria e da psicanálise freudiana, por assumir uma perspectiva histórica, dialética e não subjetivista.

Anterior a publicação de *O Ser e o Nada*, Sartre publica o seu primeiro romance em 1938, *A Náusea*, onde apresenta-nos Antoine Roquentin, personagem central, historiador, residente da cidade de Bouville, que se desenvolverá em seu diário os passos de sua vida cotidiana ou melhor, revela ao leitor a maneira como ele está lançado no mundo com os outros e a partir disso, vivenciando inúmeras experiências como a da má-fé, da angústia e da liberdade. Temas que aparecerão posteriormente, por uma descrição fenomenológica, em sua obra em 1943. Em seus sequenciados momentos reflexivos sobre sua existência e profissão, Roquentin chega a tese de que as coisas não mudam, mas, sim, ele mesmo, o que se traduzirá na experiência da contingência. A experiência psicofísica que trará essa noção diante da vida do personagem no curso o romance sartriano é a náusea. A descrição da experiência da náusea coloca em xeque discussões centrais pela filosofia existencial (SCHNEIDER, 2006).

Essa discussão pode ser realizada da seguinte maneira: primeiro, compreendendo a necessidade de converter a contingência da existência em um outro aspecto, por um humanismo, conforme Sartre (2015) profere em sua acalorada conferência em 1945. Em segundo momento, descrevendo a maneira como a náusea se revela a mim enquanto consciência e em terceiro momento, deixando evidente que essa consciência não pode ser sem o mundo, de maneira não-tética, ou conforme Morais (2012) nos apresenta, como aquilo que dará contornos de existência.

Ao decorrer da obra *O existencialismo é um humanismo* (1945), é possível identificar alguns conceitos da fenomenologia existencial, como a liberdade, a má fé, a angústia e o desamparo, conceitos que se revelam no curso de um projeto de ser inventariado pela própria realidade humana. Para além de uma pura arqueologia de conceitos, Sartre encontrará no interior de uma psicanálise existencial, um método compreensivo, de cariz hermenêutico e heurístico, para descrever o sujeito enquanto totalidade destotalizada (FREITAS, 2018).

Como a realidade humana da qual tratamos é liberdade, ela se faz lançada no mundo em um movimento de escolha, que poderemos enunciar enquanto um processo existencial, pois, guiará a escolha no entorno dos valores que o sujeito inventa, dos fins que persegue, para ele próprio e para toda humanidade. Esse processo compreende uma ética pois, a liberdade sartriana implicará uma responsabilidade em toda e qualquer situação, pois, não se trata de uma realidade puramente intelectual: é uma realidade humana (SILVA, 2013).

Schneider (2011) escreve a psicologia clínica, que se inspira nos aportes da filosofia existencial de Sartre, está para desvendar o projeto de ser de cada indivíduo interessado, pois é ele quem se fez no mundo e se faz por diferentes movimentos de uma pessoa no mundo. A compreensão acontece pela investigação dos aspectos concretos da vida de um sujeito, ou seja, no mundo com os outros, seu corpo, seu lugar, seus arredores e sua morte.

A psicologia clínica existencial, de acordo com Ribeiro (2010), traz a psicanálise existencial de Sartre, compreendendo o indivíduo em sua totalidade e em relação com o mundo, tendo em vista, a infância como período determinante da formação da singularidade individual. A autora aponta que Sartre faz algumas críticas à psicanálise empírica, principalmente por essa partir da premissa da existência do inconsciente, opondo-se à noção do homem enquanto liberdade, nada de ser, pura indeterminação.

## **CONCEPÇÃO DO PROJETO DE SER EM JEAN-PAUL SARTRE**

Jean Paul Sartre, ao longo de toda a sua trajetória em busca da compreensão da existência humana, elaborou obras como *A transcendência do ego* em 1934, *O existencialismo é um humanismo* em 1945, dentre tantas produções, como menciona Schneider (2008), que contribuíram com o desenvolvimento da psicologia contemporânea. Será em seu tratado de ontologia fenomenológica denominado *O Ser e o Nada* de 1943 em que Sartre alinhará críticas no horizonte da filosofia para a psicologia, a antropologia e mesmo literatura.

Em busca da compreensão do Ser, Sartre descreve que há duas regiões ontológicas que compõem a realidade: Em-si e Para-si. Uma delas é o ser Em-si que existe como um objeto. Ele está aí, por uma existência independente da consciência. Ainda, segundo Sartre (2015, p. 40): “O ser-Em-si jamais é possível ou impossível: simplesmente é [...]. Incrariado, sem razão de ser, sem relação alguma com outro ser, o ser Em-si é supérfluo para toda a eternidade”, isto é, ele é um objeto contingente e gratuito. Por outro lado, há o ser Para-si que segundo Bocca (2019, p. 115) existe “como pura relação às coisas, um deslizamento para fora de si, como um acontecimento absoluto que advém ao ser, uma presença ao ser”.

Segundo Almeida (2011, p. 26), quando Sartre caracteriza o ser Em-si, ele o faz com a intenção de “[...] demonstrar que o ser Em-si nada tem de misterioso”, nada existe por detrás dele pois, ele é pura aparência, contudo essa realidade ontológica se distingue do Para-si (consciência) que possui certa complexidade. Em resumo, segundo Santos (2011):

Compreender, portanto, a forma de ser do Para-si ou compreender a consciência, diferentemente de compreender o Em-si em sua plena positividade, exige uma postura distinta já que na compreensão do Em-si há uma identificação da consciência com algo, e esta (a consciência) se torna algo que ela não é (SANTOS, 2011, p. 51).

Segundo este mesmo autor, o ser Para-si sempre será uma relação com o ser Em-si pois, não há uma consciência solitária. Trata-se da tese da intencionalidade que enuncia toda consciência enquanto consciência de alguma coisa. Para exemplificar essa indissolúvel relação: o humano é aquele que questiona em seu próprio ser e esse questionamento parte de uma relação intersubjetiva, qual seja, a do Para-si com o Em-si (SANTOS, 2011).

Santos (2019, p. 65) explica que a partir do entendimento da realidade ontológica para Sartre, faz-se a questão: “Qual o elo entre o Em-si e o Para-si? O elo entre o em-si e o para-si, ou seja, o elo entre o mundo e a consciência é um vazio”. Se por um lado o homem é constituído pelo nada, por outro, a sua estrutura interna é vazia, indeterminada. Não há qualquer possibilidade de gerar uma determinação onde o nada se constitui.

Retomando o exemplo: se o humano é aquele que questiona em seu próprio ser, é justamente por ele carregar seu próprio nada, por ser pura indeterminação ontológica sem qualquer substância ou essência. Se o humano é um vazio e nada pode explicar a realidade humana, não há justificativa fora deste mundo que dê sentido ou determine sua existência. Não há uma essência pré-estabelecida antes de nascer. Nesse sentido, Sartre irá na contramão das teses metafísicas que partem da noção de Deus enquanto detentor de um destino e de uma essência anterior à existência. Heidegger (1979, p. 157) em Carta ao humanismo alargará nossa compreensão para a seguinte inversão da tese metafísica de Platão feita por Sartre. Ele escreve da seguinte maneira:

Sartre, ao contrário, assim exprime o princípio do existencialismo: A existência precede a essência. Ele toma ao dizer isto, *existentia* e *essentia* no sentido da Metafísica que, desde Platão, diz: a *essentia* precede a *existentia*. Sartre inverte esta frase. Mas a inversão de uma frase metafísica permanece uma frase metafísica.

Vejamos no interior da discussão enunciada por Sartre:

Ao concebermos um Deus criador, identificamo-lo, na maioria das vezes, com um artífice superior, e, qualquer que seja a doutrina que considerarmos – quer se trate de uma doutrina como a de Descartes ou como a de Leibniz –, admitimos sempre que a

vontade segue mais ou menos o entendimento ou, no mínimo, que o acompanha, e que Deus, quando cria, sabe precisamente o que está criando. Assim, o conceito de homem, no espírito de Deus, é assimilável ao conceito de corta-papel, no espírito do industrial; e Deus produz o homem segundo determinadas técnicas e em função de determinada concepção, exatamente como o artífice fabrica um corta-papel segundo uma definição e uma técnica (SARTRE, 1970, p. 3).

Observamos que, ao conceber Deus como criador, atribuímos a Ele a responsabilidade de quem o ser humano é, amparando-se em uma explicação onde a realidade humana é determinada. Isso seria entrar em desacordo com a filosofia sartriana que elabora a ideia de que a existência precede a essência, ou seja, não há nada sobrenatural ou anterior à existência que justifique, explique ou determine a essência de um ser antes de vir ao mundo. Então, segundo Sartre (1945), em sua obra *O existencialismo é um Humanismo*, apresenta que, se por um lado a existência precede a essência, por outro o homem é responsável por aquilo que faz de si. Esse é o primeiro passo da filosofia existencial: colocar o homem à posse do que ele é e ainda submetê-lo à total responsabilidade de sua existência.

Neste momento da filosofia existencial, o conceito de liberdade emerge para trazer sentido a todos os conceitos até então trabalhados. Se não há nada que determine a realidade humana, o homem é livre para fazer o que quiser dele e mais, daquilo que fizeram dele, pois “o homem escolhe livremente seus atos, sendo o único capaz de realizá-los” (SILVA, 2013, p. 105). E mais: o homem é o sujeito de sua própria história ao mesmo tempo em que é sujeito da história da humanidade. A existência é um fato, sem explicações, mas existe a contingência, uma condição onde o homem busca uma espécie de justificativa moral, através do olhar do outro, o reconhecimento da sua própria existência. Alt (2014) diz que contingência é o fato da não-necessidade ou gratuidade de existir. Se o modo de ser do homem é a necessidade de buscar sua legitimidade para seu reconhecimento, isso os leva a seguir normas, excluindo sua singularidade.

A própria condição do sujeito, como se relaciona com o mundo, as situações a que o indivíduo é submetido, é um conceito chamado facticidade. De acordo com Souza e Silva (2020, p. 45), “Sartre nos diz que o ser humano vem à realidade em uma situação, ou seja, em sua facticidade histórica”. Ser uma facticidade é, primeiramente, ter nascido, ser inserido no contexto político, social, cultural e econômico. Para Souza e Silva (2020) o homem já tem sua liberdade existencial, mas faz de si mesmo nessa realidade que já estava antes mesmo de existir. Assim, é através da liberdade que o homem pode escolher, sendo livre em sua facticidade, dentro do seu contexto, pois é na ação que a liberdade manifesta a existência.

A liberdade é um fenômeno que marca toda a filosofia existencial, como aborda Schneider (2006):

A liberdade em Sartre é um conceito ontológico. Ou seja, ela é definidora do ser da realidade humana. [...] Ser livre é ter de escolher em cada situação, situação essa que aponta um campo de possibilidades de ser para o sujeito. Aqui é preciso esclarecer que a liberdade não pode ser comparada a uma simples escolha gratuita (SCHNEIDER, 2006, p. 03).

Sendo assim, o homem é livre para escolher e caminhar rumo a um “fim” e este movimento é realizado em toda a sua vida, sob o fio de um projeto existencial. Um ponto importante a ser levantado é que a liberdade não pode ser reduzida ao entendimento de uma simples escolha como aborda Sartre (2015, p. 530) “isto não significa absolutamente que eu seja livre de me levantar ou me sentar, de entrar ou sair, de fugir ou enfrentar o perigo, se entende por isso uma pura contingência caprichosa, ilegal, gratuita, incompreensível”. A escolha do homem é livre determinação, liberdade situada, em razão de visar um campo de infinitas possibilidades de ser e de enfrentar, superar, transcender a situação atual a partir de um projeto existencial.

Ainda em Schneider (2013), é preciso distinguir entre obter o que se quer e determinar-se a querer. A liberdade não diz respeito ao plano moral, da escolha entre o “bem e o mal”. Em razão disso, é preciso ir ao encontro do plano ontológico da escolha de ser. Sendo assim, a liberdade é constitutiva do ser da realidade humana, ou seja, ela não está em escolher e obter tudo aquilo que se quer, mas, está em se colocar como existência humana livre para escolher e se escolher. Um exemplo disso é uma pessoa mantida em cárcere privado que, apesar de não ser livre para sair ou fugir, ele é livre para tentar sua libertação, qualquer que seja sua situação, ele sempre pode projetar sua fuga e descobrir o valor desse projeto. Compreende-se com essa analogia, quando Sartre (1945, p. 18) diz que “... o homem está condenado a ser livre” onde segundo Alencar (2006):

Percebe que o caminho está aberto para construir ele próprio a sua vida, então está incontestavelmente "condenado a ser livre". A afirmação lembra que cabe ao homem inventar os valores porque estes não são criados nem por Deus e nem pela tradição (ALENCAR, 2006, p. 244).

Ainda que a liberdade só exista em uma estrutura de escolha, dada pela situação onde está inserida, o indivíduo se escolhe dentro de determinadas condições. Isso mostra que é um ser dos possíveis e por isso, pode-se pensá-lo como abertura a todas as possibilidades, uma vez que não traz em si nenhuma determinação. Se a liberdade é exercida num contexto de possibilidades como sendo a teia daquilo que deve-se afirmar ou negar, aceitar ou recusar, no desenrolar de atos concretos em que cada um se faz ser, pode-se identificar que o homem se faz

por uma facticidade. Esse termo enuncia que ao nascer, o humano já se encontra em um mundo dado: ambiente histórico, condição social, econômica, geográfica, biológica etc. Através da situação, o homem escolhe e se escolhe. Esse é o ato fundamental da liberdade: a escolha. “É escolha de mim mesmo no mundo e ao mesmo tempo descoberta do mundo” (SARTRE, 2002, p. 569).

E neste momento o homem encontra a angústia, onde segundo Sartre (1970, p. 4): “o homem é angústia” e complementa dizendo:

Tal afirmação significa o seguinte: o homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas aquele que escolheu ser, mas também um legislador que escolhe simultaneamente a si mesmo e a humanidade inteira, não consegue escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade (SARTRE, 1970, p. 4).

Silva (2013) aponta que, a escolha revela a responsabilidade diante de uma questão, o homem deve optar por uma alternativa, que não possuem critérios externos a escolha, revelando a angústia, ou seja é necessário escolher. Com isso, Ehrlich (2002) pontua que, Sartre em suas obras, evidencia que o Projeto de Ser constitui precisamente o eixo que perpassa inteiramente esta Psicologia, que concebe o homem voltado para o futuro. Ao compreender as condições de possibilidade de uma personalidade, das emoções e do imaginário, Sartre constatou o homem enquanto um ser voltado para o futuro. Com isso, afirmar que homem é seu projeto, é o mesmo que dizer que o homem move-se sempre para o futuro. Toda ação humana implica em um movimento de alcançar o futuro, um estado do mundo por modificar, uma negação da plenitude presente, a realização de um possível que ainda não existe.

## **FILOSOFIA EXISTENCIAL E A PRÁTICA CLÍNICA PSICOLÓGICA**

Segundo Schneider (2011), no século XVIII, as ideias psicológicas começaram a germinar no seio da psiquiatria e logo a filosofia trouxe diversas contribuições acerca da prática psiquiátrica no que diz respeito à loucura e às estruturas psíquicas, por exemplo. Sigmund Freud, nasceu em 1856, formou-se médico em Viena e formulou teorias que culminaram em práticas importantes para o desenvolvimento da psiquiatria e psicologia. Elaborou e desenvolveu a psicanálise, inaugurando essa teoria com seu livro A interpretação dos sonhos, publicado em 1899, no qual tornou-se a chave de toda sua obra. Segundo Schneider (2011), por ser pioneiro, muitas vezes a psicologia clínica é confundida com a psicanálise, ainda que os psicanalistas fizeram e fazem questão de demarcar a diferença e de afirmar que sua escola não pode ser confundida com esta área.

Apesar da psicologia clínica ter nascido com Sigmund Freud, o seu “parto” foi lento, pois “[...] falará primeiro de uma “psicologia em profundidade”, depois de uma “psicanálise de casos” e, finalmente, em um texto de 1945, intitulado “La méthode clinique en psychologie humaine”, discutirá, pela primeira vez de forma elaborada, a psicologia clínica” (SCHNEIDER, 2011, p. 51).

De acordo com a autora, entre os anos 1920 e 1930, Sartre encontrava-se em um grande período de formação filosófica e embarcou na problematização das disciplinas psicológicas e psiquiátricas que estavam vigentes no cenário intelectual do início do século XX. Com isso, iniciou os seus estudos acerca da psicanálise que acabou por se tornar moda e referência obrigatória para a intelectualidade daquele período.

Diante disso, segundo Schneider (2006), Sartre foi inovador nas suas técnicas, tendo o intuito de reformular dilemas já concretizados, discutindo fundamentos para que novas ideias científicas pudessem ser formadas e para que houvesse a criação de novos moldes de algumas problematizações totalmente diferentes das já existentes. “[...] quando se trata de pensar na clínica com base em Sartre, devemos adentrar na criação de algo novo [...]” (NASCIMENTO, CAMPOS; ALT, 2012, p. 719). Ou seja, Sartre compreendeu as teorias psicanalíticas e se apropriou de muitos conceitos para elaborar a sua própria forma de olhar para o “ser” e a prática clínica, elaborando assim, a psicanálise existencial ao final do ensaio da ontologia fenomenológica de J-P Sartre em 1996.

Portanto, quando Sartre propôs a sua “psicanálise existencial” ele não estava somente expondo um método para a psicologia, mas também para a clínica psicológica, entendida por ele como sinônimo de psicanálise, pois esse era o único modelo vigente e, portanto, o único que conhecia (SCHNEIDER, 2011, p. 57).

Essas e outras manifestações demonstram o interesse de Sartre com a psicanálise e, principalmente, em seu aspecto clínico, tendo em vista que era seu maior interessava, já que sempre foi um crítico contundente dos pressupostos teóricos da psicanálise, sobretudo de sua metapsicologia.

Quando se trata das ideias que reformulam os pensamentos e técnicas de Sartre na construção do método da psicanálise existencial, deve-se atentar-se na própria subjetividade e individualidade do ser, antes de qualquer coisa. Deve-se partir do próprio terreno de experiência, apropriar-se do propósito desejado e assumir o papel necessário para que possa haver a conscientização das escolhas e vivências, segundo Nascimento, Campos e Alt (2012).

Segundo Schneider (2011, p. 233) Sartre em seu método, “propõe uma forma objetiva de investigar a dimensão de ser do sujeito humano, compreendido enquanto ser-no-mundo,

como ser-em-situação, um singular/universal”. Conhecida como a psicanálise existencial, o método de Sartre volta seus olhares para o ser em ato, nas relações, no mundo, condenado a liberdade, frente aos seus impasses psicológicos.

O objetivo da psicanálise sartriana é decifrar o nexos existente entre os diversos comportamentos, gostos, gestos, emoções, raciocínios do sujeito concreto, ao extrair o significado que salta de cada um desses aspectos em direção a um fim (SCHNEIDER, 2008, p. 3).

Então, o principal desafio da psicanálise existencial é o de compreender o projeto de ser de cada indivíduo estudado, pois é ele que define o que são e para onde se encaminham os diferentes movimentos de uma pessoa no mundo, é o futuro por alcançar.

De acordo com Schneider (2006), constata-se que Sartre propôs uma nova ontologia, debatendo e problematizando os pressupostos metafísicos vigentes na época, estabelecendo que a realidade se estrutura em termos de duas regiões ontológicas, sendo o ser e o nada, ou o ser em-si e para-si. Além disso, quando ele distingue a consciência, rompe com a primazia do conhecimento típicas do idealismo e racionalismo, viabilizando, assim, o homem enquanto sujeito do conhecimento. Sartre apresentou uma nova forma de clarificar a dimensão psicológica do indivíduo, fundamentando importantes perspectivas, sendo:

o homem como um ser-no-mundo; o homem enquanto um ser temporal, histórico; a dialética da relação eu/outro, indivíduo/sociedade, subjetividade/objetividade; o homem como projeto e desejo de ser, como alienação e liberdade enfim, aspectos que desembocam em sua aceção da personalidade como resultante de um processo de construção, onde a “existência precede a essência”, o que coloca o homem como sujeito de seu ser. (SCHNEIDER, 2006, p. 107).

Sartre em seu método “Psicanálise Existencial”, propõe uma forma de procurar a dimensão do sujeito, então de acordo com Sass (2015) a compreensão do ser-em-si, vem a ser “coisa”, algo maciço, fechado em si, determinado e rígido, como uma essência acabada. Já o ser para-si é a "consciência", é a pura abertura espontânea, é transparente e fluido.

Na estruturação de sua teoria, Sartre desenvolveu métodos e técnicas que são utilizados na psicoterapia clínica atualmente, contribuindo com a maximização da tomada de consciência de cada indivíduo acerca de seu projeto existencial. Dentre esses métodos, encontra-se o método biográfico e o método progressivo-regressivo, apresentados nas obras Saint-Genet, ator e mártir (1952) e O idiota da família (1971), onde sua aplicabilidade visa estabelecer os nexos sobre a forma pela qual o adulto se constitui, desde sua infância, por ela e com ela (PINTO, SANTOS E SPONCHIADO, 2021). Os autores pontuam que, olhar para a infância e o contexto social vivido pelo indivíduo é indispensável, pois a infância aparece como momento decisivo e

importante, onde o projeto-de-ser é descoberto e desenvolvido pela criança, por meio das relações familiares e como ela se insere num contexto sócio histórico e antropológico.

Este é o fundamento que sustenta o seu método progressivo-regressivo, constituindo-se no estudo biográfico, que é este olhar para o contexto social do indivíduo e sua história, permitindo compreender o sujeito para compreender sua época, e compreendendo a época para elucidar o sujeito, tendo em vista que refletindo sobre sua história e responsabilidade, ele se torna protagonista de uma história social pela qual é responsável.

Para Silva, Teixeira e Freitas (2015), os homens fazem a sua própria história, num meio dado que as condiciona, vivendo em meio à relação de interdependência entre os homens e destes com o mundo. Portanto, Sartre esclarece que as circunstâncias e a educação que produzem os homens são modificadas e mantidas precisamente pelas atitudes que eles mesmos realizam, tanto que o homem é produto e produtor de sua realidade.

Os conceitos desenvolvidos por Sartre, apresentam a relação da existência humana como projetos lançados no mundo em busca da autenticidade. Segundo Picinini (2018), o homem está lançado no mundo, e assim se vê na liberdade de fazer escolhas, significa que está diante de inúmeras possibilidades para buscar um meio e um fim, significa ainda ser livre para escolher como fundamentar seu projeto e sua essência. Mas diante deste mesmo processo de possibilidades, que é lançado para a angústia. É a angústia que pode ser a abertura para a plena liberdade, diante das contingências. Ela existe porque o indivíduo é determinado pela liberdade. Não há como fugir da angústia, pois esta está sempre acompanhada da liberdade. Tudo isso porque a liberdade motiva a angústia, pelo o indivíduo não ser possibilitado de se libertar das suas escolhas.

Ainda de acordo com Picinini (2018), se o indivíduo é condenado a ser livre e deseja ser autêntico em seu projeto, o mesmo deve estar longe da má fé, esse fenômeno consiste em fazer a consciência cair em erro e alienação, mente para si mesma, o sujeito cai em erro sobre sua condição, não pensa e age por si. Essa condição inautêntica faz com que o indivíduo repouse da reflexão, impedindo-o de se afetar pela angústia, e assim, cai em erro sobre sua condição.

Diante disso, a tarefa da psicoterapia sartriana é colocar o projeto de ser da pessoa em suas próprias mãos, tendo em vista a sua biografia, na medida em que isso o viabiliza como sujeito de sua vida e de sua história (SCHNEIDER, 2006).

## **ANTONIE ROQUENTIN E O PROJETO DE SER**

No romance *A Náusea*, o filósofo Jean-Paul Sartre apresenta a angústia existencial vivida por Antonie Roquentin, um historiador que no início da obra está engajado a realizar uma pesquisa, contudo, ela é abandonada pelo historiador e o texto assume um caráter de autoanálise da condição humana vivida pelo personagem, segundo Santos (2019).

Roquentin é um personagem sem muitos amigos que possui poucas ou quase nenhuma socialização com as pessoas a sua volta, vai a biblioteca só, assim como no bar e nas caminhadas pela cidade, ele é uma pessoa solitária. Segundo Santos (2019, p. 110): “Tal solidão é provocadora de reflexões que não são muito habituais nas pessoas, passando a observar os fatos da realidade com mais atenção”.

Diante disso, Roquentin percebe o fenômeno da náusea ao se deparar com a contingência das coisas e da realidade, ou seja, a realidade passa a se tornar um problema, tendo em vista que os problemas existem onde estão as coisas. Silva (2013) apresenta que, antes ele parecia não se incomodar com a solidão, mas nesses momentos, observando as pessoas, começa a perceber nelas as necessidades da vida em conjunto. Nesse contexto, ele não encontra um sentido para sua vida empobrecida e de todos os habitantes ao seu redor.

O romance pode ser representado como um processo psicoterapêutico, visto que logo no início, Roquentin, personagem principal, escreve seu diário apresentando sentimentos psicofísicos que o deixam angustiado, não compreendendo o que se passa em seu corpo ou mente. Havia mudanças na sua relação com o mundo, com os objetos e com a sociedade, segundo Schneider (2006).

Escreve: “os objetos não deveriam tocar, já que não vivem. (...) E a mim eles tocam – é insuportável. Tenho medo de entrar em contato com eles exatamente como se fossem animais vivos” (SARTRE, 2000, p. 26). Essas mudanças se expressavam através de uma “metamorfose insinuante e delicadamente horrível de todas as sensações; era a náusea” (SARTRE, 2000, p. 26). A náusea foi vista como uma contingência, a gratuidade da existência, ou seja, viver não é necessário, mas sim uma escolha, assim como os objetos que são contingentes.

Roquentin, começa a se descobrir, diante de sua existência e faz muitos questionamentos. Segundo Santos (2019, p. 110) “O personagem, entretanto, não reflete apenas sobre seus objetos visados, pois, ao se apreender o objeto para conhecê-lo, apreende-se a si mesmo amalgamado nas coisas”. Isto é, ao perceber sua existência e as contingências por ele experimentada, se percebe angustiado e desamparado. Ele não se questionava sobre si e nem mesmo sobre as coisas, era a sua consciência irrefletida. Para Sartre, consciência irrefletida é aquela consciência emocional, onde ela não está para o objeto intencionado e sim para os sentimentos, como traz Santos (2019):

O medo, o fracasso, o sucesso, as glórias e as inglorias são modos por meio dos quais a consciência estabelece uma relação de significado ou de simbolismo com o objeto intencionado. Todas essas emoções, entretanto, não são e não estão nos objetos intencionados. O sujeito fracassado não precisa sair de si, ir adiante para, aí, apreender o seu fracasso, porque está dado de antemão, juntamente com o sujeito que fracassa. Não precisa ir buscar tal sentimento emotivo fora de si, visto que já está presente no ato primeiro da intenção, irrefletidamente (SANTOS, 2019, p. 47).

Ou seja, a intencionalidade de Roquentin estava para suas emoções, como o medo, fuga e fracasso, mas não para suas ações em concretude, seu projeto existencial. Por isso uma consciência irrefletida e isso por consequência é representada pela má-fé, pois como expõe Sartre (2015, p. 92), “a consciência é um ser para o qual, em seu próprio ser, acha-se a consciência do nada de seu ser”. É pensando sobre si, sobre as coisas, que se desvela o nada, o seu próprio nada. Não questionar sobre as condições é mascarar uma verdade desagradável, sendo essa a má-fé.

A solidão e os sintomas psicofísicos experienciados pelo personagem o incomodam e isso passa a ocupar a sua temporalidade presente, segundo Santos (2019). O momento crucial do romance é o episódio da “epifania”, onde o autor reconhece sua própria existência e não pode mais negá-la decidindo então interromper sua pesquisa e cortar laços que já não fazem mais parte de seu projeto existencial.

A temporalidade para Sartre, se constitui através do movimento da consciência em busca de seus possíveis, segundo Silva (2008) a temporalidade não é o tempo do mundo, mas é levada ao mundo pelo para-si. A temporalidade não é prévia ao para-si, ela se possibilita na estrutura do conceito. Assim, promove a unidade da consciência.

Ao final da ficção, no último dia do personagem na cidade em que morou por anos para realizar a sua pesquisa, se despede de lugares que frequentava e das poucas pessoas na qual tinha contato. E enquanto esperava o trem para Paris, começa a pensar na música que ouviu no bar, na cantoria, no compositor e nota na música a existência daquelas pessoas que a arte os fizeram existir. Este pensamento lhe dá uma certa alegria, começando a pensar no que poderia fazer para existir de fato, vendo então, a possibilidade de escrever um romance ou um livro (SILVA, 2013).

Diante disso, Schneider (2008) apresenta que, Sartre buscou situar o homem naquilo que o constitui como ser primeiro, e a Psicologia Existencial tem por objetivo realizar essa investigação da dimensão de ser do sujeito humano, compreendido enquanto ser-no-mundo, como ser-em-situação, um singular/universal. Ampliando a compreensão de Projeto de Ser, Roquentin ao refletir sobre sua existência, movimentando seu ser no mundo, constitui um Eu,

onde ele não existia. De acordo com Abdo (2011), Sartre compreende que a consciência reflexiva, imprime no ser-em-si os seus possíveis e seus valores, além de construir o Ego, bem como os atos cognitivos, pensamentos, objetos psíquicos, corpo natural.

Segundo Schneider (2008), Sartre apresenta a filosofia existencial como possibilidade de compreensão do ser humano, considerando sua história e seu contexto social, analisando o mesmo com base na sua concepção histórico-dialética. O caminho dialético para Sartre, de acordo com Schneider (2011), consiste no movimento temporal entre passado e presente, assim, aclarando o projeto pelo qual cada indivíduo se faz, se escolhe e se objetiva no mundo.

Dessa forma, a prática da psicoterapia fundamentada pela filosofia existencial, compreende o homem através de sua história individual e seu contexto social, auxiliando o indivíduo mediante a dificuldade dos impasses que lhe aparecem, visto que o homem carrega consigo seu passado juntamente com suas escolhas. A mesma irá ser um dispositivo para que o indivíduo reflita sobre suas escolhas, auxiliando o homem a compreender quem ele é nesse momento, como conseguiu chegar a isso e mostrar que o mesmo pode modificar o que está vivenciando.

Nas palavras de Pacciolla (2014), a psicoterapia irá ajudar o sujeito segundo as suas dificuldades, de acordo com a elaboração da informação, visto que ele é examinado como fruto do meio em que se insere, para fazer frente às diversas situações da vida, percebendo, reorganizando, interpretando e recolhendo dados importantes do meio inserido.

No encontro psicoterapêutico, terapeuta e paciente, é realizada a apreensão do paciente do jeito que ele aparece diante do terapeuta, empatizando com este por forma a aceder ao seu estado de consciência e a captar de que forma é que este vê a sua presença no mundo. Segundo Cardinali (2020) espera-se que a psicoterapia propicie que o paciente, ao ampliar a compreensão de si e de suas dificuldades, consiga contorná-las ou superá-las, tendo em vista a apropriação de si mesmo.

Observa-se que, na Náusea, Roquentin ao reconhecer seu passado e também, ao visualizar o que lhe causa a solidão, começa a avaliar o seu projeto de ser, modificando seu futuro e “acabando” com a náusea. Dessa forma, pode-se refletir que a “cura” em uma psicologia clínica, na perspectiva sartriana, só seria possível pela condição de o indivíduo transcender a que está submetido e poder “fazer alguma coisa daquilo que os outros fizeram dele” (SCHNEIDER apud SARTRE, 1952, p. 59).

Segundo Bocca (2019), Sartre explica a transcendência como o movimento da consciência que sempre vai além de si mesmo e do que é. A consciência não apreende o objeto

como ele é, mas sim em sua incompletude, e além dele, para o que não é, é lançado para fora e estudado pela consciência como um objeto do e no mundo.

A ficção retrata que ao entrar em contato com a sua existência, Roquentin se liberta de suas amarras históricas para exercer sua liberdade e viver espontaneamente, pois, aos poucos, compreende que o sentido das coisas depende de seu livre lançar-se para elas. Sartre então apresenta métodos que colaboram com a Psicologia, em seu contexto clínico, visto que acessa o fenômeno psicológico em seus diferentes componentes e níveis, nos quais aparece o sujeito com o seu projeto de ser, com os conflitos, seu desejo de ser, sua eleição original (SCHNEIDER, 2008). No caso do nosso protagonista, Roquentin afirma: “Fui eu que mudei: é a solução mais simples. A mais desagradável também [...] o que acontece é que penso muito raramente; então, uma infinidade de pequenas metamorfoses se acumula em mim [...] e ocorre uma verdadeira revolução” (SARTRE, 2015, p. 14). Isso é viver. Na vida não existem acontecimentos maiores ou menores. Existir é um fazer-se presente e constante. Trata-se de ter ciência de que as situações e as coisas mudam estabelecendo novas relações.

Neste sentido, tendo em vista a contribuição do romance *A Náusea*, e a própria filosofia de Sartre, nota-se que o homem é “um ser que é originariamente pro-jeto, quer dizer, que se define por seu fim” (Sartre, 2015, p. 479). O homem é seu projeto na medida em que “se faz anunciar o que ele mesmo é por algo distinto dele mesmo, quer dizer, por um fim que ele não é, senão que é projetado por ele do outro lado do mundo” (Sartre, 2015, p. 479). Isso quer dizer que o indivíduo age a partir do momento em que percebe na realidade a falta de algo no qual ele deseja, e ainda não existente. Pela constatação de uma falta objetiva no mundo, o homem realiza um movimento, uma ação para chegar a um estado do mundo que ainda não existe, o futuro. Ao tomar consciência de sua realidade e seus desejos, o homem pode construir um projeto existencial autêntico à sua existência, segundo Ehrlich (2002). Neste sentido, “toda ação aponta o que ainda não é” (EHRlich, 2002, p. 59). Ou seja, o que movimenta o sujeito não é o estado atual das coisas, mas sim o estado das coisas que ainda não existe. O que motiva a ação do homem é a constatação de como o mundo está, o futuro possível é o que nos faz agir.

A psicoterapia existencial existe para evidenciar a busca do indivíduo pela sua expressão mais autêntica, além disso, segundo Duarte (2012):

postula que a vitalidade psicológica e a plenitude da existência se formam a partir de uma vontade para assumir a responsabilidade pela sua liberdade de escolha e de aceitar que as suas potencialidades são delimitadas pelos seus contextos físicos, sociais e psicológicos, bem como pelos conhecimentos existenciais específicos (por exemplo, a finitude de vida) com os quais se deve reconciliar (DUARTE, 2012, p. 3).

Ou seja, o objetivo da psicoterapia existencial é de colocar o ser da pessoa em suas próprias mãos, na medida em que isso o viabilizará como sujeito. Ela não se limita à cura ou extinção dos sintomas, mas busca a clarificação e o sentido, dados pelo próprio indivíduo, tendo em vista o método biográfico e o método progressivo-regressivo, na medida em que retoma o passado, compreende seus impasses e amarras, abre-se para um novo horizonte, o futuro, para tomar o seu ser em suas próprias mãos e experienciar uma vida autêntica (DUARTE, 2012).

Com isso, a psicoterapia existencial apresenta-se como prática importante e tem como principal objetivo proporcionar o aumento do potencial de escolha do indivíduo. É proporcionar uma ajuda efetiva ao cliente no sentido de descobrir-se e de autogerir-se; é ajudá-lo a aceitar os riscos de suas próprias decisões responsáveis aceitar a liberdade de ser capaz de utilizar suas próprias capacidades para existir, segundo Erthal (2013).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Psicologia Clínica colabora no estudo da pessoa total, atua na promoção da saúde, prevenção e remediação do sofrimento psíquico, em ações individuais e coletivas, em seu contexto histórico, social, cultural, sociológico e condições psicofísicas.

Compreende-se então, que Sartre construiu todo um novo alicerce teórico-metodológico para a Psicologia. Considera-se importante suas contribuições para a Psicologia Clínica, no tocante em que seu método é capaz de fornecer um tratamento científico e possível para qualquer pessoa. Isso se prova através de suas metodologias e estudos de caso no qual ele foi utilizado.

O encontro clínico ou a prática psicoterápica passa, então, a representar a acolhida a essa demanda do indivíduo, através de um olhar que possa contemplar e alcançar a singularidade de sua existência, tendo em vista que ele vai se construindo nos caminhos traçados pelos desejos humanos e suas possibilidades. Com isso, a psicoterapia existencial qualifica-se como uma orientação que enfoca a pessoa enquanto totalidade concreta, a relação autêntica entre terapeuta e cliente e o estímulo ao autoconhecimento como instrumento de crescimento individual.

Diante disso, a obra *A Náusea*, retrata a vida de um personagem fictício, contudo, muito próximo do real, vivenciando a má-fé expressa por sua forma de viver inautêntica e com isso sofrendo diversas consequências como a náusea. Essa, caracterizada como um sentimento psicofísico, representando a angústia ao perceber a contingência das coisas e compreendendo que não há mais ninguém possível para salvá-lo disso, se não ele mesmo.

Por fim, através do referencial teórico e metodológico utilizado nesta pesquisa, fica claro que o homem se constrói autenticamente a partir de sua tomada de consciência acerca de sua realidade, identificando sua presença no mundo como ser singular e a partir disso, podendo construir um projeto existencial aliado com seu ser-no-mundo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDO, N. R. Sobre o conceito de consciência em Sartre: a transcendência do cogito. **COGNITIO-ESTUDOS: Revista Eletrônica de Filosofia**. 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cognitio/article/view/6296> Acesso em 29 set. 2022.

ALENCAR, S. E. de P. Estamos condenados à liberdade. In: VASCONCELOS, José Gerardo; SOARES, Emanuel Luis Roque; CARNEIRO, Isabel Magda Said Pierre (orgs.). **Entre tantos: diversidade na pesquisa educacional**. Fortaleza: Editora UFC, 2006. p. 239-248. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/48016/1/2006\\_capliv\\_sepalencar.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/48016/1/2006_capliv_sepalencar.pdf) Acesso em 15 set. 2022.

ALMEIDA, S. L. Sartre: Direito e Política. Ontologia, liberdade e revolução. Tese de doutorado. **Universidade de São Paulo**. 2011. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2139/tde-19092012-144850/publico/Tese\\_Silvio\\_Luiz\\_de\\_Almeida\\_Integral.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2139/tde-19092012-144850/publico/Tese_Silvio_Luiz_de_Almeida_Integral.pdf) Acesso em: 07 ago. 2022.

ALT, F. Contingência e legitimidade no espaço clínico. **II Congresso Luso-Brasileiro de Psicologia Existencial: Casos Clínicos e Apli 1 - cabilidade em Contextos Profissionais - Lisboa- 2014**. Disponível em: [https://www.academia.edu/14760541/CONTING%C3%8ANCIA\\_E\\_LEGITIMIDADE\\_NO\\_ESPA%C3%87O\\_CL%C3%8DNICO](https://www.academia.edu/14760541/CONTING%C3%8ANCIA_E_LEGITIMIDADE_NO_ESPA%C3%87O_CL%C3%8DNICO) Acesso em: 26 nov. 2022.

BERTOLINO, P. Psicologia: Ciência e Paradigma. In: Conselho Federal de Psicologia. **Psicologia no Brasil**. Direções Epistemológicas. Brasília, CFP, pp. 13-30, 1995. Disponível em: <https://nuca.org.br/wp-content/uploads/2020/03/Psicologia-ciencia-e-paradigma.pdf> Acesso em: 26 nov. 2022.

BOCCA, M. C. **A transcendência vivida em sua temporalidade: Sartre e a experiência psicopatológica**. Toledo, 2019. Tese (doutorado) Universidade Estadual do Oeste.

CARDINALLI, I. E. Psicoterapia focal: psicoterapia breve fenomenológica existencial. 2020. **Psicologia Revista**, 29(1), 157–175. <https://doi.org/10.23925/594-3871.2020v29i1p157-175> Acesso em: 02 set. 2022.

DUARTE, J. P. Investigação em psicoterapia existencial utilizando o psychotherapy processq-set. **ISPA Instituto Universitário**, 2012. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/70651568.pdf> Acesso em: 29 ago. 2022.

EHRlich, I. F. Contribuições do “Projeto de Ser” em Sartre para a Psicologia de Orientação Profissional. **Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da Universidade**

**Federal de Santa Catarina.** Florianópolis SC, 2002. Disponível em:  
<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/83679/223397.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 29 ago. 2022.

ERTHAL, T. C. S. **Trilogia da existência:** teoria e prática da psicoterapia vivencial. 1. ed – Curitiba: Appris, 2013. 407p.

FREITAS, S. M. P. de. **Sartre, psicologia de grupo e mediação grupal.** Maringá, PR, 2018. Disponível em: [http://www.ppi.uem.br/arquivos-2019/PPI\\_2018\\_SYLVIA.MARA\\_Tese.pdf](http://www.ppi.uem.br/arquivos-2019/PPI_2018_SYLVIA.MARA_Tese.pdf) Acesso em: 20 nov. 2022.

HEIDEGGER, Martin. **Sobre o “humanismo”:** Carta a Jean Beaufret, Paris. In: Conferências e escritos filosóficos. Trad., introd., notas de E. Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Coleção Os Pensadores).

MORAIS, W. M. A importância da escolha: Liberdade e responsabilidade em Sartre. **Faculdade Católica de Pouso Alegre**, 2012. Disponível em:  
[http://www.theoria.com.br/edicao10/a\\_import%C3%83%C2%A2ncia\\_da\\_escolha.pdf](http://www.theoria.com.br/edicao10/a_import%C3%83%C2%A2ncia_da_escolha.pdf) Acesso em: 13 set. 2022.

NASCIMENTO, A. B.; CAMPOS, C. M.; ALT, F. Psicologia Fenomenológica, Psicanálise existencial e possibilidades clínicas a partir de Sartre. **Estudos e Pesquisas em Psicologia Rio de Janeiro.** v. 12 n. 3 p. 706-723 2012. Disponível em:  
<https://www.redalyc.org/pdf/4518/451844639002.pdf> Acesso em: 29 ago. 2022.

PACCIOLLI, A. Psicologia contemporânea e Viktor Frankl. Fundamentos para uma Psicologia Existencial. **Editora Cidade Nova**, São Paulo, 2014. Disponível em:  
<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=mx8vDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT1&dq=psicoterapia+existencial+&ots=TfYOtlcwP7&sig=MWE6z4kcw0opU6MEMFUBPcG7HE0#v=onepage&q&f=true> Acesso em: 09 ago. 2022.

PICININI, C. **Liberdade e má-fé em sartre: matizes ético-fenomenológicos.** Universidade estadual do oeste do paraná – UNIOESTE. 2018. Disponível em:  
[https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/3915/2/Cristiane\\_Picinini\\_2018.pdf](https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/3915/2/Cristiane_Picinini_2018.pdf). Acesso em: 29 set. 2022.

PINTO, F. M.; SANTOS, A. C.W.; SPONCHIADO J. I. O Biográfico em Sartre: noções e questões de método. v. 1 n. 23 (2020): **Cadernos de Estudos Culturais - Ensaio Biográfico**, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/13020> Acesso em: 02 set. 2022.

RIBEIRO, C, S. **A psicanálise existencial:** uma fusão entre a psicanálise e o existencialismo. 5o encontro de pesquisa na graduação em filosofia da Unesp. Vol. 3, nº 1, 2010. Disponível em:  
[https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/ChristiandeSousaRibeiro\(76-80\).pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/ChristiandeSousaRibeiro(76-80).pdf) Acesso em: 02 set. 2022.

SANTOS, T. S. **A pré-reflexibilidade do personagem na ficção sartriana.** Toledo, 2019. Tese (Mestrado) Universidade Estadual do Oeste. Disponível em:

<https://tede.unioeste.br/handle/tede/4727?mode=full#preview-link0> Acesso em: 02 set. 2022.

SANTOS, T. S. Intersubjetividade em Sartre: O Para-si e o Para-outro. **Trilhas Filosóficas**, ano IV, número 2, 2011. Disponível em: [https://www.uern.br/outros/trilhasfilosoficas/conteudo/N\\_08/IV\\_2\\_art\\_4\\_Tiago%20Soares.pdf](https://www.uern.br/outros/trilhasfilosoficas/conteudo/N_08/IV_2_art_4_Tiago%20Soares.pdf) Acesso em: 02 set. 2022.

SARTRE, J. P. **A náusea**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SARTRE, J. P. **Crítica da Razão Dialética**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SARTRE, J. P. **O existencialismo é um Humanismo** Paris: Gallimard, 1945. (Col. Folio).

SARTRE, J. P. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

SARTRE, J. P. **Saint Genet: Ator e Mártir**. 1 ed. 2002.

SASS, S. D. O ser para-si: presença transcendente. **Rev. Filos.**, Aurora, Curitiba, v. 22, n. 31, p. 437-454, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/aurora/article/view/2515/2419>. Acesso em: 29 set. 2022.

SCHNEIDER, D. R. A liberdade enquanto dimensão ontológica do homem: compreensão existencialista. Campinas, 2013. Com ciência, n. 146. Disponível em: <http://comciencia.scielo.br/pdf/cci/n146/09.pdf> Acesso em 15 set 2022

SCHNEIDER, D. R. **A Náusea e a psicologia clínica: interações entre literatura e filosofia em Sartre**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2006. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1808-42812006000200005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1808-42812006000200005) Acesso em: 27 nov. 2022.

SCHNEIDER, D. R. Liberdade e dinâmica psicológica em Sartre. **Natureza Humana**: 283-314, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v8n2/v8n2a02.pdf> Acesso em: 09 ago. 2022.

SCHNEIDER, D. R. O método biográfico em Sartre: Contribuições do Existencialismo para a psicologia. Rio de Janeiro, 2008. ISSN: 1808-4281. **Estudos e pesquisas em psicologia**, UERJ. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v8n2/v8n2a13.pdf> Acesso em: 15 set. 2022.

SCHNEIDER, D. R. **Sartre e a psicologia clínica**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

SCHNEIDER, D. R. **Novas perspectivas para a psicologia clínica: um estudo a partir da obra 'Saint Genet: comédien et martyr' de Jean-Paul Sartre**. 2002. 338 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: <http://www.psiclin.ufsc.br/files/2010/05/Tese.pdf> Acesso em: 15 set. 2022.

SILVA, A. M. V. B. A concepção de liberdade em Sartre. **Filogenese**. Vol. 6, nº 1, 2013. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/alinesilva.pdf> Acesso

em: 17 set. 2022.

SILVA, L. D. Tempo e temporalidade na filosofia de Sartre. **Princípios**. Natal, v.15, n.24, jul./dez. 2008, p.225-248. Disponível em:  
<https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/432/370>. Acesso em: 29 set. 2022.

SILVA, T. M.; TEIXEIRA, T. O.; FREITAS, S. M. P. Ciberespaço: uma nova configuração do ser no mundo. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, 2015. Disponível em:  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682015000100012](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682015000100012)  
Acesso em: 09 ago. 2022.

SOUZA, R. R. **Um Caminho com Sartre**: Apropriações de seus Métodos para uma Clínica Fenomenológica-Existencial. Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. 2020. Disponível em:  
<https://www.redalyc.org/journal/4518/451867534016/451867534016.pdf> Acesso em: 30 set. 2022.